



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

Mateus Badaró Ferreira

O QUE HANNAH ARENDT DIRIA?

Uma análise filosófica sobre a banalização da morte durante a pandemia da covid-19

Rio de Janeiro

2022

Mateus Badaró Ferreira

## O QUE HANNAH ARENDT DIRIA?

Uma análise filosófica sobre a banalização da morte durante a pandemia da covid-19

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador: Marcos Vinícius Pedroza Machado

Rio de Janeiro

2022

Mateus Badaró Ferreira

## O QUE HANNAH ARENDT DIRIA?

Uma análise filosófica sobre a banalização da morte durante a pandemia da covid-19

Projeto de Monografia apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

---

Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado  
EPSJV/FIOCRUZ

---

Wallace Lopez  
EPSJV/FIOCRUZ

---

Marcelo de Moura Coutinho  
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro  
2022



*Dedico esse trabalho ao meu avô, Luiz Carlos de Britto Ferreira, que morreu em decorrência da COVID 19. A ele, deixo a minha saudade, além deste trabalho, como homenagem póstuma.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Fundação Oswaldo Cruz pelo apoio institucional, aos meus amigos, à minha família, e a todos aqueles que me ajudaram a me manter de pé, mesmo quando tudo desmoronava.

Agradeço ao meu orientador, com quem compartilhei ideias e construções, e que sempre teve total dedicação, consideração e tato comigo, mesmo perante meus momentos ruins e de baixa produtividade.

Agradeço aos professores Wallace Lopes e Verônica Costa, que durante a jornada pelo ensino médio se tornaram parte da minha família.

Agradeço também à minha companheira de vida, Tamires Costa, cuja existência e amor foram primordiais para a minha formação.

Agradeço a todos os motoristas de ônibus e maquinistas de trem e metrô, que foram os responsáveis por me levar à EPSJV nos últimos 4 anos.

Agradeço à Casa de Oswaldo Cruz, unidade que me acolheu durante o estágio e me ensinou muito sobre gerência em saúde.

Aos meus pais, e à coordenação da EPSJV, esse trabalho não é para vocês, e vocês não conseguiram me impedir de realizá-lo.

*(Tolstói)*

*“O errado não deixa  
de ser errado só  
porque a maioria  
participa e concorda”*

## RESUMO

Este projeto tem como objetivo observar a reação da população brasileira à covid-19, doença causadora de uma pandemia que matou mais de meio milhão de brasileiros. Ao analisarmos isso, podemos observar que alguns fatores foram cruciais para que a pandemia se desenvolve da forma como se desenvolveu, e, principalmente, observamos que alguns agentes externos, principalmente estatais, trabalharam de maneira ativa pela proliferação do vírus, negacionismo científico, e não realização das medidas de contenção propostas. Dito isso, o objetivo desse projeto é analisar o que motivou cada um desses agentes, e como a morte de centenas de milhares de pessoas se tornou algo corriqueiro no Brasil.

**Palavras-chave:** covid-19, banalidade do mal, sociedade, política, classe social.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

No dia 22 de setembro de 2020, Luiz Carlos de Britto Ferreira, o avô paterno do autor, faleceu, aos 71 anos, vítima da covid-19. No dia 29 de janeiro de 2022, quase um ano e meio depois, Luciana Gomes Lima, de 36 anos, outra pessoa próxima do redator, faleceu vítima da mesma doença que levava Luiz Carlos. Em dois anos de pandemia, nada mudou.

Enquanto o luto era sofrido pelas famílias, elas viam milhões de pessoas vivendo suas vidas normalmente, ignorando as medidas de contenção ao vírus, indo a festas, renegando o uso de máscaras, se aglomerando, e agindo de maneira como se não ocorresse em uma pandemia advinda de um vírus respiratório, que causava a morte de milhares de pessoas diariamente.

A partir disso, o redator correlacionou o tema com a teoria da banalidade do mal, proposta pela filósofa Hannah Arendt, inicialmente para descrever a linha de produção dos campos de concentração nazistas e a falsa inocência dos participantes do massacre étnico realizado na Alemanha do século XX. De acordo com o *Media Lab* - Laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas, da Universidade Federal de Goiás:

A banalidade do mal é, para a filósofa, a mediocridade do não pensar, e não exatamente o desejo ou a premeditação do mal, personificado e alinhado ao sujeito demente ou demoníaco. Como postura política e histórica, e não ontológica, a banalidade do mal se instala por encontrar o espaço institucional, criado pelo não pensar. (MEDIA LAB –ANO, p.x)

Em suma, com a banalidade do mal Hannah Arendt mostra que, mesmo em situações em que exista um mal evidente, mas que este é seguido por um grande grupo de pessoas, a situação que antes era vista como errática passa a ser relativizada e normalizada. Isso porque, a partir do momento que as ações são praticadas por cidadãos comuns, que tem uma vida normal e convivem livremente em sociedade, mas que praticam o tal ato errôneo, a sociedade deixa de ter uma visão mistificada e abominada sobre aquilo, e passa a observar com normalidade. Isso aconteceu no Brasil durante a pandemia da covid-19, no sentido de que, mesmo sabendo da necessidade da prática do isolamento social, e que, caso não realizado, pessoas morreriam, ainda assim a população deixou de se isolar e voltou a ter uma vida normal, mesmo que muito antes do recomendado.

Mas por que, mesmo sabendo que o isolamento social era a alternativa correta e necessária para aquela situação, a maior parte da população simplesmente desistiu de segui-lo?

Para iniciarmos, é necessário entendermos que a sociedade é formada por diversos grupos que se diferem por condições socioeconômicas, religião, ideologias políticas, raça, entre outros aspectos, que fazem com que a população não seja uma massa homogênea, mas sim, um conglomerado de grupos, que agem de diferentes maneiras sobre uma mesma situação.

Dito isso, podemos pensar então como cada parte da sociedade reagiu ao covid-19, e quais partes agiram ativamente para a propagação e contra as medidas de proteção da doença.

Podemos dividir a sociedade em 4 grandes grupos: Os políticos, os empresários, a classe média, e a classe trabalhadora. Todos esses 4 grupos tiveram, ao menos biologicamente, a mesma influência na disseminação do vírus, mas é primordial termos em mente que somente um grupo teve a possibilidade e a influência social de impor medidas restritivas, bem como incentivar e educar a população, e impor aos empresários ordens de como agir. Esse grupo é a classe política.

Após meses de estudos e análises socioeconômicas e culturais, é possível escrever este projeto, que tem como principal objetivo entender o porquê de a população ter reagido da forma como reagiu, e o que causou esses posicionamentos da classe política, que culminaram num número exorbitante de mais de meio milhão de mortes evitáveis, principalmente de pobres, trabalhadores precarizados, e ao povo brasileiro, no geral.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral é fomentar uma discussão sobre a responsabilidade dos posicionamentos da classe política perante a pandemia da covid-19, e correlacionar os eventos observados em nosso país com a teoria da banalidade do mal, pensada meio século antes.

Os objetivos específicos são:

- 1) Analisar a forma como a sociedade enfrenta as situações impostas pelo Estado;
- 2) Uma discussão sobre o grau de influência das pessoas umas sobre as outras;
- 3) Compreender e justificar a perda de mais de meio milhão de vidas no Brasil.

## **METODOLOGIA**

O projeto estará baseado na abordagem qualitativa. Usará como estratégias de pesquisa a revisão de literatura, qualitativa, nas bases de dados, scielo, google acadêmico, tomando como base a filosofia da banalidade do mal, proposta por Hannah Arendt, além de buscar conteúdos relativos à pandemia da COVID 19, regimes autoritários, estudos sobre a sociedade, e análises políticas.

A pesquisa se dará por meio de análises de documentos e observações dos fatos ocorridos, de maneira fenomenológica.

## **CAPÍTULO 1: SARS-CoV-2, covid-19, ou, simplesmente, coronavírus**

Brasil, dia 8 de março de 2021. Nos jornais mais lidos do país, como “O globo” e “o Dia”, as matérias de capa são, dentre outras, o posicionamento da CEDAE, empresa responsável pela distribuição de água no estado do RJ perante a acusação de contaminação da água; a discussão e o clima instável no STF entre ministros; o retorno dos estudantes às escolas no RJ; os “sabores do outono”; as metas ambientais das ONGs; leilões de aeroportos... E em alguns, como em uma nota de rodapé, é citado o termo “covid-19”, nome popular do vírus SARS-COV 2. Naquela segunda-feira, dia 8 de março de 2021, de acordo com o ministério da saúde, o Brasil registrou 4.249 óbitos por covid-19. Em 24 horas, duas mil, quatrocentas e quarenta e nove pessoas morreram por decorrência do coronavírus, e ninguém se preocupava, ainda que, no período de 1 ano, mais de 13 milhões de pessoas já tivessem sido infectadas.

Não se pode afirmar que ninguém se preocupava, uma vez que, muito provavelmente, as famílias das mais de 345 mil pessoas mortas em decorrência do vírus, muito deviam se preocupar, uma vez que elas conheciam de perto a dor de perder um ente querido para uma doença que, até 1 ano antes, simplesmente não existia em território brasileiro. É com esse contexto que começa o primeiro capítulo, aquele que compreende as contextualizações e ambientações do contexto sociopolítico do Brasil e do mundo durante a pandemia da covid-19.

### **1.1: O que foi a COVID 19?**

O coronavírus, nome científico do vírus, SARS-CoV-2, é um vírus da família Coronaviridae, que de acordo com a Organização mundial da saúde, teve sua primeira infecção identificada na cidade de Wuhan, na província de Hubei, China, no ano de 2019. O sétimo vírus de sua família a infectar seres humanos, a OMS acredita que o covid-19 foi transmitido a partir do consumo alimentício de um animal silvestre natural da fauna chinesa, chamado pangolim, para os humanos, e tem extrema facilidade de transmissão pelo ar. Além disso, é de muito fácil contaminação por humanos, e leva 5 dias após a infecção do hospedeiro para causar sintomas.

O coronavírus não possui taxa de mortalidade assustadoramente atípica, muito pelo contrário, de acordo com OMS, tem cerca de 3,421% de óbitos registrados em decorrência da doença, mas devido à sua rápida e inesperada taxa de transmissão e o seu descontrole clínico perante a inexperiência dos hospitais e governos em lidar com emergências biológicas como essa, a covid-

19se alastrou rapidamente por todos os países do mundo, causando um enorme número de mortes, um caos psicológico em quase todos os humanos, superlotação de hospitais, sobrecarga nos profissionais de saúde, deficiência de insumos básicos, crise econômica, recessão mundial, paralisação das escolas, proibição de festas e eventos, obrigatoriedade do uso de máscaras, demasiada necessidade de higienização das mãos, crises políticas em quase todos os governos, e um selo da organização mundial da saúde há muito tempo não utilizado: a alcunha de pandemia.

## **1.2 O que a covid-19 causa nos humanos?**

De acordo com a Organização Mundial da saúde, os sintomas mais evidentes da doença são a perda de olfato, perda de paladar, tosse, coriza, deficiência de apetite, febre, dor de cabeça, e em casos graves, a dificuldade para respirar, dores no no peito, confusão mental, perda de mobilidade e perda de fala. A covid-19se tornou excepcionalmente preocupante pelo seu número de infectados, que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, até a produção deste documento, já somam mais de 610 milhões de casos, tendo como resultantes mais de 6,5 milhões de óbitos decorrentes da doença.

## **1.3 Contexto político pré pandemia**

Em 2002, após 3 tentativas fracassadas, o ex metalúrgico e deputado constituinte Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente da república do Brasil, e pela primeira vez na história, um semianalfabeto, nordestino, de origem pobre, metalúrgico, e fundador do partido de esquerda mais expressivo do país, levava o povo e os ideais de esquerda para o planalto.

A eleição de Lula não foi conturbada, tendo sido decidida em segundo turno. De acordo com o livro “Os presidentes”, de Rodrigo Viseu, Lula, do Partido dos Trabalhadores, PT, mudou a face do país de um povo desigual e subdesenvolvido para uma sociedade plural e com distribuição de renda. As relações internacionais se desenvolveram como nunca, Lula fez grandes acordos, fez um governo para pobres e necessitados, tirou o Brasil do mapa da fome, se mostrou um grande operador de crises, e, após sua reeleição em 2006, entrega em 2011 um Brasil que é a sexta maior economia do mundo de acordo com o Austin Rattng, com grande prestígio internacional, e com um povo sem fome, com moradia, e com emprego. Mas nem só de benfeitorias se resume o governo Lula. Em 2005, um escândalo de corrupção na câmara dos deputados sujaria a imagem do partido, que teve alguns de seus deputados cassados, e, principalmente, teve o Ministro chefe da Casa Civil

e ex-presidente do PT, José Dirceu, indiciado como mentor do esquema. O “mensalão”, como fora chamado, abalou as estruturas do governo Lula, pôs em xeque a idoneidade do partido, e retirou de cena Dirceu, que era o cotado a sucessor de Lula, de acordo com Luciana Genro.

Sem Dirceu, em 2011 Lula elege sua sucessora, Dilma Vana Rousseff, sucessora de Dirceu na Casa Civil, e a primeira mulher a governar o Brasil. Dilma, que outrora participara da luta armada durante a ditadura, tendo inclusive sido torturada por ela, informações oficiais, agora passava a chefiar o Estado que antes a via como inimiga da pátria.

Em 2013, fortes ondas de protestos movidos pelo descontentamento com os poderes executivo e legislativo, motivados pelos casos de corrupção, falas atrapalhadas, mau desempenho econômico e o mau desempenho de Dilma, fizeram com que a popularidade do Presidente reduzisse, o que fez com que, em 2014, Dilma se reelegesse presidente da república com uma vantagem muito pequena, que fez com que seus opositores questionassem a vitória da mineira, de acordo com o portal “g1”.

Em 2016, com o descontentamento do legislativo com as atitudes e decisões da Presidenta, utilizando de acusações de irregularidades fiscais e pedaladas fiscais, foi dado início ao processo de impeachment de Dilma Rousseff. Em 31 de agosto de 2016, ela teve seu mandato cassado, e foi deposta do cargo de presidente da república. Um dos votos que mais chamou a atenção na votação pela abertura do impeachment foi a de um Deputado do Rio de Janeiro chamado Jair Bolsonaro, que em seu voto prestou homenagem a um ex coronel e torturador, condenado pela justiça federal por praticar torturas durante a ditadura militar. Durante a homenagem, Bolsonaro designou ao coronel a alcunha de “Terror de Dilma Rousseff” (BBC, 2016).

Com a saída do PT do poder executivo após quatorze anos, assume o vice-presidente Michel Temer, político tradicional de centro-direita, que pouco fez pelo país, tendo sido sutil e governando em prol de seus aliados, como consta no livro “Os presidentes”. A esquerda, que nunca aceitou a validade do afastamento, sempre insistiu em chamar o processo de impeachment de Dilma, por Golpe, e os articuladores e colaboradores, golpistas.

A partir de 2016, devido à operação da polícia federal denominada “lava jato”, o então ex-presidente Lula se tornou alvo de constantes investigações e acusações de crimes como falsidade ideológica e lavagem de dinheiro (G1, 2016). A existência de um sítio no município de Atibaia, e de um apartamento no Guarujá, bairro nobre da capital paulista, fez com que Lula fosse indiciado e preso em abril de 2018, ficando numa cela especial na sede da polícia federal de Curitiba (G1, 2018). Nas eleições de outubro daquele ano, Lula era o favorito nas disputas para presidente de

acordo com o instituto de pesquisas “DataFolha”, porém foi impossibilitado de concorrer devido à sentença.

Em março de 2021, todas as condenações contra Lula foram anuladas pelo Superior Tribunal Federal, e julgadas parciais e com erros judiciais no andamento dos processos. Lula se elegeu presidente pela terceira vez em outubro de 2022.

#### **1.4 Quem é Bolsonaro?**

A política Brasileira é cheia de personagens e figuras que permeiam o imaginário popular e as ruas de Brasília, e para entender quem é Jair Bolsonaro, peça fundamental para esta pesquisa, e principalmente, para entender como deu sua caminhada e ascensão meteórica ao cargo de presidente do Brasil, tendo comandado o país durante toda a pandemia da covid-19, é necessário que se recapitule as páginas da história brasileira, e iniciar a história em 1955, ano em que Bolsonaro nasceu.

As informações sobre a vida e carreira de Jair Bolsonaro foram retiradas do podcast “Presidente da semana”, do jornal Folha de São Paulo. Jair vem de família pobre, sem grandes heranças ou fortuna intelectual, muito pelo contrário, nascido no interior de São Paulo, muito próximo da divisa de estado com o rio de Janeiro, ele e sua família se mudaram com muita frequência, e tinham dificuldade em se estabelecer em uma cidade, até que com 11 anos, em 1966, Jair, seus pais, e seus 5 irmãos se estabelecem no Vale do Ribeira.

É no Vale do Ribeira que Jair afirma ter cooperado com o exército brasileiro na guerrilha do Araguaia, ação do governo ditatorial para capturar e/ou abater os guerrilheiros e contraventores ao governo militar, principalmente Carlos Lamarca, grande líder revolucionário que, a saber, não foi capturado nessa missão. Foi daí, com essa experiência de pseudo militar, que surgiu em Bolsonaro o estímulo para ser parte das forças armadas, e talvez daí também tenha surgido em Jair uma grande admiração por ditaduras.

Nos anos seguintes, Bolsonaro se torna parte das forças armadas, se forma pela academia militar das agulhas negras, se especializa em paraquedismo, e inicia de fato sua carreira servindo no Rio de Janeiro e no Mato Grosso do Sul. Já como oficial do exército, os superiores de Bolsonaro o avaliavam como dono de uma excessiva ambição em realizar-se financeiramente e economicamente, além de ter permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas,

como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos. Pelo gabarito das próprias forças armadas, faz-se uma noção de como Jair Bolsonaro evoluiria nos anos seguintes.

Em 1986, já como capitão do exército, Bolsonaro escreveu um artigo para a revista “Veja”, no qual reclamava dos baixos salários ofertados aos cadetes da academia a qual havia se formado anos antes, e acusava a alta cúpula dos militares de distorcerem a razão do grande número de evasão. Em resposta ao desacato do capitão, o exército o puniu com 15 dias de prisão, o que motivou comoção geral nas esposas de militares e outros militares da ativa e da reserva em prol de Jair, fazendo com que, inclusive, o tribunal superior do exército o absolvesse (Presidente da semana, 2018).

Em 1987, Bolsonaro entregou a uma repórter da revista “VEJA” um plano de explosão de bombas em banheiros de unidades do exército em forma de protesto aos baixos salários. Após meses de investigações, o tribunal superior do exército considerou Bolsonaro inocente por não haver como comparar caligrafias, uma vez que o documento usava letras datilografadas, porém anos depois, com a ajuda da Polícia Federal, foi comprovado que os documentos eram de autoria do capitão, que a essa altura isso já não importava mais, pois após a sua rápida ascensão de popularidade entre os militares de baixa patente e seus familiares, Jair Bolsonaro saiu do Exército, e se elegeu vereador pela cidade do Rio de Janeiro, saindo do cargo 2 anos depois, quando se elegeu Deputado Federal. A partir de 1990, Jair Messias Bolsonaro emendaria uma sequência de mandatos como deputado federal, todos muito discretos e com pouquíssimas propostas e projetos de lei, mas sempre com muitas falas e atitudes de cunho questionável, que o faziam manter sua imagem ativa, ainda que defendendo pautas anti-minorias e propondo a inserção de medicamentos que não surtem efeito.

Com a proposta de ser sempre contrário ao status quo, Bolsonaro foi um dos pouquíssimos políticos que se declarava abertamente de direita durante os governos do Partido dos Trabalhadores, o que fez dele um símbolo da direita brasileira, que até então era minoria num país de sucessivos governos bem-sucedidos de esquerda.

Após 2013, com a decadência na popularidade das grandes figuras e partidos de esquerda, em especial da Presidente Dilma e do Presidente Lula, Bolsonaro sai do baixo clero da câmara e se impõe como principal nome da direita para ocupar a cadeira de presidente da república. O então pré-candidato inicia uma corrida eleitoral pelo Brasil para se consagrar como candidato, o que surtiu efeito, e nas eleições de 2018, Bolsonaro já aparecia nas pesquisas da “DATAFOLHA” de

intenção de voto entre o segundo e o quarto lugar, mas sempre com muito pouca diferença entre os concorrentes, porém duas coisas foram primordiais para Jair, a primeira foi a impugnação da candidatura de Lula, que liderava as pesquisas, e um atentado de esfaqueamento proferido a Bolsonaro um mês antes do primeiro turno. O substituto de Lula não conseguiu manter a colocação do então prisioneiro, e o sentimento de martirização ao ex-capitão, somados, fez com que Jair Messias Bolsonaro ascendesse de um aparente interminável mandato no legislativo, para ocupar a maior instância do executivo. Assim foi dado o início do governo Bolsonaro.

### **1.5 O coronavírus no Brasil**

No Brasil, após o dia 25 de fevereiro de 2020, data que marcou o primeiro caso confirmado de covid-19 no Brasil pelo Ministério da Saúde, a doença ficou marcada pela rápida ascensão, pelo receio da população na possibilidade de contaminação, pela adesão às políticas de contenção à disseminação do vírus, e pela preocupação da população com seus entes queridos, e até mesmo com desconhecidos, os quais receberam orações e doações para ajudar no enfrentamento ao Sars-Cov 2. O ministro da saúde, o doutor Luiz Henrique Mandetta, que apesar de médico, já fazia parte do grupo ligado a Bolsonaro desde antes da eleição, mas fez um bom trabalho no ministério da saúde, criando comitês diários transmitidas a todo o país em rede nacional, alertando e informando a população sobre o andamento da doença no país, e sobre as mais recentes atualizações sobre a situação biológica e internacional do vírus. Foi uma atuação de acordo com as indicações e congruente com a comunidade internacional da OMS.

De fato, as situações descritas são verdadeiras, mas o que falta descrever, entre muitas coisas, é que esse clima de empatia e bem-estar político não durou mais do que ligeiros 15 dias. 15 dias em que o sonho da evolução espiritual da população, e uma guinada política rumo à ciência e ao estado democrático nunca estiveram tão vivos, mas que, após duas semanas, se mostraram apenas mais um sonho efêmero.

O governo brasileiro nunca foi senão cético em relação ao coronavírus, de acordo com o site “O antagonista”, e ao ver um ministro adotando as medidas sugeridas e seguindo os protocolos estipulados pelas organizações internacionais de saúde, o então presidente Jair Bolsonaro, que iniciava seu segundo ano como presidente da república, cumpriu com suas promessas anticência e sua personalidade egocêntrica, declarando sua descrença na nova doença, incentivando que as medidas de contenção não fossem seguidas, descredibilizando organizações de saúde e outros

governos, agindo de modo a dificultar o tratamento de infectados, fazendo piadas sobre o número de mortes, insistindo em discursos contrário ao de especialistas, realizando a manutenção da agenda capitalista que visa apenas o lucro monetário, incentivando automedicação ineficaz, inclusive comprando estoques monumentais de antibióticos absolutamente ineficazes contra o coronavírus, e, é claro, trocando de ministro da saúde 4 vezes em dois anos, causando uma instabilidade e uma grande dificuldade do ministério em realizar ações de longo prazo e ter uma liderança forte, confiante, e personificada.

De acordo com o site “Uol”, Luiz Henrique Mandetta foi o primeiro ministro da saúde do governo Bolsonaro, e fez um trabalho silencioso e de pouco protagonismo antes da pandemia, mas após a doença, com suas comitivas e seu rápido protagonismo na política nacional e suas idéias contrárias ao negacionismo exacerbado do presidente, abandonou o cargo em 16 de abril de 2020, um mês após o início do lockdown. Em seguida toma posse o médico Nelson Teich, que em um mês no cargo se descobriu um fantoche de Bolsonaro, que buscava nele uma figura para alterar as recomendações e protocolos da covid-19, manipulando a opinião pública para fortalecer o discurso negacionista do presidente. Não aceitando tamanha desordem, Teich saiu do cargo antes de completar um mês. Após a saída de Teich, o general Eduardo Pazuello assume interinamente o ministério por 4 meses, quando é finalmente empossado ministro. O ministério de Pazuello foi tão subserviente ao presidente, que menos de um ano depois, sofrendo intensas críticas da câmara, senado, opinião pública e investigações do STF, foi retirado do cargo, muito a contragosto do presidente. O ministro Marcelo Queiroga, quarto, e mais longo ministro da saúde de Bolsonaro, conseguiu fazer uma gestão aceitável, promovendo a vacinação, sem maiores escândalos, e se mantendo como absoluto coadjuvante no processo de saída da emergência sanitária. Quando Queiroga foi empossado, o Brasil, de acordo com o ministério da saúde, já contabilizava quase 300 mil mortes.

## **1.6 Coronavírus no mundo.**

Diversos países tomaram medidas distintas em relação ao iminente surto da doença recém descoberta. Muitos deles seguiram as orientações da OMS, realizando o isolamento social, restringindo suas fronteiras, conscientizando a população, e priorizando o bem estar de seus habitantes. Talvez o maior expoente desses países tenha sido a Nova Zelândia, que com pouco mais

de 5 milhões de habitantes, de acordo com a OMS se consagrou como exemplo de gestão de crises, tendo um dos menores percentuais de infecção e óbitos decorrentes da doença no mundo.

Embora houvessem lideranças determinadas a cumprir com as agendas das entidades de saúde, engana-se quem pensa que Bolsonaro era exceção, muito pelo contrário, ele fez parte de um grupo de lideranças irresponsáveis e de atitudes reprováveis, que tinha como líder o presidente estadunidense Donald Trump.

Para dimensionar o tamanho da Influência do presidente americano no governo brasileiro, após Trump anunciar a descoberta de um novo medicamento que supostamente curaria os infectados pela covid-19, mesmo que sem estudos clínicos realmente aprofundados e resultados confirmados por entidades da área de saúde, o presidente brasileiro tomou a informação como comprovada, passou a defender e a estimular publicamente o uso imprescrito do medicamento, e o utilizou como defesa para postergar a compra de vacinas. O resultado, além de uma grande corrente de desinformação e efeitos colaterais pela ingestão de antibióticos sem prescrição, foi um estoque de cloroquina para o exército brasileiro por mais de 18 anos, de acordo com o jornal Extra.

## **Capítulo 2: Hannah Arendt e a Banalidade do mal**

O ponto de intercessão que torna este trabalho uma pesquisa não convencional ao surto de covid-19, é a correlação que se busca fazer entre a resposta social da população sobre a ocorrência, e uma vertente filosófica cunhada na metade do século XX pela filósofa judia Hannah Arendt, que viu no fim do terceiro reich um fenômeno não antes documentado com tamanho destaque. A este comportamento, intitulou de banalidade do mal.

### **Capítulo 2.1: Quem foi Hannah Arendt**

As informações sobre a vida de Hannah Arendt foram retiradas do site UOL. Hannah Arendt foi uma filósofa alemã de origem judia, que foi perseguida e presa no regime nazista alemão, se tornou apátrida em 1937, e teve a nacionalidade norte-americana concedida em 1951. Emigrou da Alemanha após o governo decretar a perseguição e privação de direitos a pessoas de origem judaica, em 1933, inclusive tendo sido presa por breve período, entretanto encontrou nos Estados Unidos da América refúgio para estudar, pensar, e difundir seus ideais sobre filosofia política.

Foi em 1937 que o governo alemão a consagrou apátrida, ao passo que, em 1951, conquistou a nacionalidade norte-americana. No país, foi professora universitária e jornalista, onde teve oportunidade de produzir artigos e obras, ainda que fizesse questão de não ser classificada como filósofa, mas sim, como teórica política.

### **Capítulo 2.2: vida pré exílio**

Durante sua graduação na universidade de Marburg, Hannah conhece e passa a frequentar as aulas do aclamado filósofo Martin Heidegger, casado e pai de família, além de 17 anos mais velho que a estudante, e que foi dela, amante. Por contradições com Martin, mudou-se para Freiburg, onde graduou-se em 1928. Na faculdade, aprendeu com figuras importantes como Nicolai Hartmann, Rudolf Bultmann, Edmund Husserl e Karl Jaspers, os quais contribuíram para a formação política da jovem.

Arendt trabalhou escrevendo para um jornal em Frankfurt, onde escreveu uma resenha crítica sobre o livro ‘Ideologia e utopia’, a qual não foi bem aceita por seus companheiros, o que a fez retornar a Berlim. Arendt obteve uma bolsa de estudos na *Notgemeinschaft der Deutschen*

*Wissenschaft* (Associação de ajuda para a ciência alemã), onde leu e conheceu Marx, Leu Marx e Trotsky, e estabeleceu contatos na *Hochschule für Politik* (Escola superior de política), e buscou estudar as raízes da segregação judaica, além de escrever artigos criticando o machismo científico e criticando o movimento feminista. Em 1932 sua casa serviu de estação de trânsito para refugiados. Por conta disso, em julho de 1933, ela foi detida por oito dias pela Gestapo. Já de princípio Hannah se coloca contrária ao movimento nacional-socialista que elevaria Hitler ao poder, e após a tomada de poder e os iminentes riscos de prisão e morte, Hannah opta pela migração.

### **Capítulo 2.3: o exílio**

Hannah se muda para Paris em 1933, onde trabalha com crianças judias expatriadas por 6 anos, até a tomada da França pelo governo nazista em 1939. Hannah fica presa no campo de concentração até 1941, ano em que, com a ajuda do jornalista Varian Fry, fugiu para os Estados Unidos da América. Já nos Estados Unidos, ela trabalhou em diversas editoras e organizações judaicas. Com o fim da guerra, voltou à Alemanha para a reabilitação moral de seu antigo amigo Heggels, o qual tinha cooperado com o governo nazista. além de um livro narrando esta passagem, o que sobrou foram diversas críticas pelo envolvimento da filósofa com apoiadores do nazismo.

Hannah se torna professora na universidade de Chicago em 1963, lecionando até 1967, ano em que se muda para Nova York e inicia seus trabalhos lecionando na *New School for Social Research*, onde fica até 1975, ano de sua morte.

### **Capítulo 2.4: O que é banalidade do mal?**

Durante sua vida, além dos diversos artigos e coautorias, Arendt publicou três livros que se tornaram imortais para a análise do comportamento humano, são eles: *As origens do totalitarismo*, *A condição humana*, e *Eichmann em Jerusalém*. Ambos os textos são de extrema importância histórica, porém na produção deste trabalho utilizarei o livro *Eichmann em Jerusalém*, mais precisamente um conceito dele, chamado banalidade do mal.

*Eichmann em Jerusalém* é um livro formado pelas análises da repórter Hannah Arendt ao jornal *The New Yorker*, que a levou para cobrir o julgamento do tenente coronel nazista Otto Eichmann, acusado de ter trabalhado ativamente no genocídio étnico-religioso da Alemanha nazista.

Após sua captura pelos órgãos de direito, em todos os depoimentos prestados, Otto sempre negava autoria dos crimes se colocando como um subalterno que apenas obedecia a ordens, o que o abonava de qualquer tipo de culpa. Para além de defesas desesperadas e tentativas de absolvições sem cabimento, Eichmann realmente acreditava não possuir culpa alguma pelas mortes nos campos de concentração orquestrados por ele. Ele realmente havia introduzido em sua consciência que era apenas um funcionário que cumpria ordens, sendo assim, livre de quaisquer acusação ou punição, ou até mesmo participação criminosa.

Foi a partir desse pensamento do réu que Hannah cunhou a banalidade do mal, teoria política que tem como objetivo explicar a banalização que a maldade ganha na sociedade ao ser atribuída a pessoas comuns. Em outras palavras, o mal banal é aquilo que é moralmente errado, porém por ser praticado por uma maioria de pessoas comuns, que não são clinicamente portadores de distúrbios ou afeitos aos crimes, torna-se relativizado ao ponto máximo, sendo banalizado, e tendo sua carga ética subestimada e esquecida.

Foi nesse contexto que Hannah percebeu que os indivíduos que cometem atitudes consideradas equivocadas do ponto de vista externo, muitas vezes não tem uma índole má, mas, na verdade, o praticam como parte de uma rotina, realizando-as como tarefas designadas por superiores ou por demanda populacional. Assim, ela percebeu que o grande vilão em questão não era o indivíduo que realizava atos dignos de punição, mas, na verdade, o verdadeiro réu deveria ser o processo de banalização pelo qual essas atitudes passaram, fazendo com que fosse possível que elas fossem realizadas sem qualquer impedimento ou resistência massiva daquela comunidade. A esse grande vilão, deu-se o nome de banalidade do mal. Visto isso, Arendt percebeu que seria equivocado julgar o réu sem que fosse observado o contexto sociopolítico por ele vivido, além também de se fazer necessária uma análise menos binária, ou seja, sem ter em vista classificar o réu como sendo integralmente bom, ou mau. Com isso, a viagem a trabalho se tornou um livro no qual a autora tenta explicar suas observações e análises, o qual recebeu o nome de Eichmann em Jerusalém.

### **Capítulo 3: A banalidade do mal no Brasil de Bolsonaro**

O grande fator que diferencia esse trabalho e o torna útil para a sociedade é a correlação feita entre dois períodos históricos tão diferentes, tanto social quanto economicamente, e a atribuição de um conceito forjado num contexto antissemita e racista, para uma realidade contemporânea, em que o que se debate é a valorização da vida e a estabilidade da economia. É evidente que as duas situações não são comparáveis, afinal, a Alemanha pós-guerra e o Brasil da segunda década do século XXI se diferem na esmagadora maioria dos sentidos, entretanto, a banalização do holocausto nazista, bem como a pandemia da covid-19, se congruem no tópico em que se faz presente uma banalização generalizada e uma alienação da população geral para com os fatos em decorrência. Visto isso, se faz necessária a análise ampla do conceito filosófico, porém sem correlacionar os períodos históricos, ou equilibrar suas consequências.

#### **Capítulo 3.1: “A economia vai bem, mas o povo vai mal.”**

No momento em que a única medida de contenção ao vírus passível de ser posta em prática foi sugerida, imediatamente Bolsonaro se colocou contrário, de acordo com o site UOL. O Lockdown, atrelado ao distanciamento social, se mostrou uma medida necessária para a manutenção da vida, ao passo que, para empresários e políticos, mostrou-se um pesadelo em curso, afinal, como diziam os mesmos, “o Brasil não pode parar por conta de 5 ou 7 mil mortes.” Frase retirada de vídeo de empresário bolsonarista.

Ainda que a muito contragosto, o Ministério da Saúde, chefiado pelo então ministro Luiz Henrique Mandetta, oficializou o lockdown no dia 15 de abril de 2020, tendo ele perdurado por 15 dias. Ao fim do prazo, as únicas medidas de contenção adotadas eram o uso de máscaras, muitas vezes de pano, e a higienização das mãos com álcool gel. Após o retorno das atividades, em abril de 2020, o Brasil nunca mais voltou a aderir a medida, ainda que por vezes tenha sido o 2º país com maior número de óbitos em todo o mundo.

Mas se o lockdown era algo possível de ser realizado e centenas de milhões de pessoas estavam morrendo mensalmente, ainda que contrários ao governo e aos patrões, por que a população não se revoltou contra o sistema que os estava matando?

### **Capítulo 3.2: Banalidade do mal na sociedade.**

No momento em que a pandemia começou a se alastrar pela Europa, os cidadãos dos países até então pouco afetados pela doença entraram em estado de atenção, muitos até em estado de desespero, e se mostraram muito preocupados pelo avanço da doença. Quando a Itália atingiu a marca de 400 mortes, movimentos independentes de cristãos iniciaram um movimento denominado “orem pelas vidas na Itália”, que tinha como objetivo orar contra o coronavírus, além de demonstrar o temor e a apreensão que a população brasileira tinha com o vírus.

Ao chegar no Brasil, a apreensão foi tamanha que os estoques de papel higiênico e máscaras pff2 sumiram das lojas, ao ponto em que foi necessário que o ministro da saúde fosse em rede nacional pedir para que a população priorizasse a designação das máscaras cirúrgicas para os profissionais de saúde, de acordo com o portal g1. Também não foram poucos os casos de filhos forçando seus pais idosos a se manterem isolados em casa, tendo sido inclusive o enredo de uma série da rede Globo. O clima era de medo, precaução, e respeito às autoridades médicas e sanitárias.

Com o passar do tempo, as coisas começaram a mudar. O presidente da república se colocou contrário a todas as medidas de contenção ao vírus propostas pela comunidade médica, além de, em cadeia nacional, por diversas vezes, de acordo com o jornal O Globo, afirmar o baixo poder letal da doença, uma super dimensão dada pela mídia, contestar e negar os dados de óbitos, substituir os ministros que tinham pensamentos contrários ao dele, negar a falta de recursos para atendimento dos infectados, ser contra, e não usar máscaras, ser contra, e não tomar as vacinas de proteção, e se desresponsabilizar pela crescente taxa de óbitos diários.

Também houve os empresários, que não aceitaram perder seus lucros mantendo seus funcionários em casa, e fizeram extrema pressão na classe política para a não realização do lockdown obrigatório, os que os obrigaria a manter seus funcionários em casa sem trabalhar. Alguns dos expoentes desse movimento foram os empresários Luciano Hang, bolsonarista ferrenho e dono das lojas Havan, acusado pela CPI da covid por “perigo para a vida ou saúde de outrem”, por “expor a vida ou a saúde de outrem a perigo direto e iminente”, e por “infringir determinação do poder público, destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa.” Outro empresário que simboliza os interesses da classe foi Luiz Renato Durski Junior, que declarou publicamente que “o Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil mortes”, no portal UOL.

Esse pensamento não vem do ponto de vista biológico, mas, na verdade, vem de uma visão puramente econômica. São basicamente o lucro em detrimento da vida, onde os empresários incentivam que seus funcionários trabalhem sob qualquer perspectiva, pela maior carga horária, e recebendo o menor dos salários.

Há também a classe “média”, uma subdivisão teórica da classe trabalhadora, que se põe socialmente acima dos paupérrimos, e se consideram mais próximos dos ricos e bem-sucedidos pelos seus salários, bens, e grau de estudo. É justamente essa classe que representa a maior parte da população, e é ela uma das grandes responsáveis pela banalidade do mal ter se alastrado na sociedade.

Por se acharem mais próximos dos empresários e classe política, a classe média se uniu a eles, num movimento que fez com que o discurso negacionista fosse materializado por uma sociedade de milhões de habitantes, que a partir disso deixaram se tornaram grandes roteadores de covid-19, e grandes influenciadores de atitudes nas comunidades em que vivem. No panorama geral, essa parte do operariado que pensa pensar foi usada como massa de manobra para validar um governo que precisava de apoio público, e para manter os lucros de empresários cujas fortunas são inalcançáveis para qualquer um deles. Além de servir para um exército contrário aos seus, essa também foi uma das classes sociais mais afetadas pelo vírus, e com os maiores números de óbitos em decorrência do coronavírus.

Por último, o povo. Por povo, supõe-se pela classe da população mais afetada e influenciada pelas disseminações de fake news e inverdades. Essa classe é a que possui o menor índice de escolaridade, a que recebe a menor quantidade de informação, e é aquela que tem o menor poder nas tomadas de decisões. seguem o que lhes são ditos, acreditam naquilo que lhes são informados, e não tem condições de abdicarem de empregos e cortarem relações de trabalho pela instabilidade financeira.

Essa é a única classe da sociedade brasileira que não tinha como fazer diferente, pois foram liderados por um presidente, empresários, e pessoas de influência na sociedade de que o certo naquele momento era manter as empresas abertas, tomar medicamentos sem comprovação científica de eficácia, não usar máscaras, e não realizar distanciamento social. elas foram obrigadas a trabalhar e pegar transportes públicos cheios mesmo quando toda a comunidade científica indicava o oposto. Não tiveram opção de escolha quantos os patrões decidiram que elas poderiam

voltar ao trabalho, e não tiveram respiradores nos hospitais quando seus pulmões falharam em decorrência de complicações da covid.

A classe operária foi a mais afetada, a que mais sofreu com as mentiras disseminadas, a que mais morreu, e a que mais corroborou com a banalização da morte.

### **Capítulo 3.3: Quem são os culpados?**

De fato, é inegável que a banalização da morte durante a covid-19 teve seu maior efeito nas classes sociais menos favorecidas, que foram as mais afetadas por óbitos, ao passo de que foi a que menos seguiu as orientações médicas, mas é evidente que isso se deu por um processo de influência social, onde as classes mais influentes da população trabalharam ativamente para o alastramento do pensamento negacionista e interesses econômicos, influenciando diretamente essas classes mais baixas do que deveriam fazer e como prosseguir, além de serem colocadas em posição de hipocrisia, onde mesmo aqueles que acreditavam no isolamento social e no lockdown foram forçados a trabalhar pela classe empresarial, a pegar transporte público cheio, dividir salas e consultórios sem respeitos as medidas, se relacionar com pessoas sem máscaras, e por mim ser instruído a não se encontrar com amigos e parentes por causa do coronavírus. a dualidade da situação colaborou com banalização dos resultados dessas ações.

Culpabilizar a classe trabalhadora por fazer festas de família e se encontrar com amigos ao longo da pandemia é culpabilizar a vítima pelas ações que a levaram a sofrer o crime. A classe operária sofreu o resultado de um projeto político e econômico, que teve como objetivo a suavização dos efeitos da covid-19 na mente da classe trabalhadora, e a perpetuação e pleno funcionamento dos meios de produção.

### **Capítulo 3.4: O que Hannah Arendt diria?**

Assim como na Alemanha nazista o holocausto não era visto como a barbaridade que foi, no Brasil de Bolsonaro, a covid-19 também não. Evidentemente ainda que com razões e justificativas distintas, o modelo de pensamento de Hannah Arendt se encaixa bem nos dois períodos históricos,

pois demonstram o grau de influência que a política e a economia têm sobre as pessoas, fazendo-as subvalorizar a vida humana.

O processo ocorrido no Brasil de Bolsonaro evidencia que a política liberal e a burguesia sempre estarão contra o trabalhador, e sempre vão aliená-lo, para que estes os sirvam com mais lucro.

Assim como o soldado nazista Eichmann, muitos dos responsáveis por esse processos sequer tem a visão crítica sobre seus atos e influências, pois acreditam de fato estarem promovendo o bem geral da economia nacional, que deve ser protegida acima de tudo. Eles não têm e nunca tiveram dimensão do processo que auxiliaram a progredir e financiar a morte de mais de meio milhão de pessoas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após longa análise dos fatos ocorridos entre fevereiro de 2019 e dezembro de 2022, torna-se evidente o interesse da classe política de direita, encabeçados pelo Presidente da república Jair Messias Bolsonaro, de não seguir de acordo com as medidas de contenção, não paralisar o

comércio, não usar máscaras, não tomar vacinas, não promover a vacinação, e não perder apoio de sua base fiel de eleitores, os ricos e empresários. Também é claro o pensamento dos grandes empresários sobre a covid-19, ao passo que nunca tiveram outra preocupação senão o não encerramento das atividades de suas empresas e estabelecimentos.

As classes mais afetadas foram manipuladas por essa banalização do mal feita pelas superiores, tendo parte auxiliado na propagação dos pensamentos, e parte sendo completamente vítima das decisões superiores.

É possível afirmar que as mais de 600.000 mortes em decorrência da covid-19 foram resultado direto das atitudes e decisões de grupos que lutavam por seus interesses pessoais, e em momento algum considerou o efeito social individual dessas mortes. Faz-se necessária a responsabilização e o julgamento de todos aqueles que trabalharam para isso, e a indenização para toda sociedade brasileira que perdeu amigos e familiares.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Odilio Alves. Hannah Arendt e o Direito (parte II): o outlaw e o direito a ter direitos. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2019000200403/](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2019000200403/). Acesso em: 2 abr. 2022.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Discurso doente: Bolsonaro e covid-19. Revista ECCOM – Educação, Cultura e Comunicação, v. 23, n. 12, p.
- ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal, f. 168. 1963. 336 p.
- ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. 11 ed. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, f. 659, 1992. 1318 p.
- BUTANTÃ . Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. Portal do Butantã . 2020. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantã-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- BBC.BRASIL, Mariana DELLA BARBA. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. BBC Brasil. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415\\_bolsonaro\\_ongs\\_oab\\_mdb.amp](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb.amp). Acesso em: 15 nov. 2022.
- CARTA CAPITAL .<https://www.cartacapital.com.br/politica/entenda-em-sete-pontos-o-depoimento-de-luciano-hang-a-cpi-da-covid/>. Carta capital . 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/entenda-em-sete-pontos-o-depoimento-de-luciano-hang-a-cpi-da-covid/>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- DAVIS, Mike, et al: Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020. 48p.
- EP. 29 - JAIR BOLSONARO, O PRESIDENTE ELEITO. RODRIGO VIZEU: Presidente da semana. [S.l.]: Folha de S. Paulo Podcast. Disponível em: . Acesso em: 13 out. 2022.

EXTRA.GLOBO. Exército brasileiro tem estoque de cloroquina para 18 anos. Extra. 2020. Disponível em: <https://m.extra.globo.com/noticias/brasil/exercito-brasileiro-tem-estoque-de-cloroquina-para-18-anos-rv1-1-24500378.html?versao=amp>. Acesso em: 26 nov. 2022.

FIOCRUZ. Deixar morrer: covid-19e a banalização do mal. 2020. Disponível em: [http://ohs.coc.fiocruz.br/posts\\_ohs/deixar-morrer-covid-19-e-a-banalizacao-do-mal/](http://ohs.coc.fiocruz.br/posts_ohs/deixar-morrer-covid-19-e-a-banalizacao-do-mal/). Acesso em: 2 abr. 2022.

G1.GLOBO. Fernanda Montenegro e Fernanda Torres estreiam nova série: 'Todos fizeram de tudo'. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/fantastico/noticia/2020/09/06/fernanda-montenegro-e-fernanda-torres-estreiam-nova-serie-todos-fizeram-de-tudo.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2022.

G1.GLOBO. Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. G1. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

G1.GLOBO. Mandetta alerta para escassez de respiradores e equipamentos de proteção nos hospitais. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/jornal-nacional/noticia/2020/04/01/mandetta-alerta-para-escassez-de-respiradores-e-equipamentos-de-protecao-nos-hospitais.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2022.

G1.GLOBO. MP-SP denuncia Lula por lavagem de dinheiro e falsidade ideológica. G1. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/mp-sp-entrega-denuncia-contralula.html>. Acesso em: 24 nov. 2022.

G1.GLOBO. PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição. G1. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>. Acesso em: 26 nov. 2022.

GUIA.ME. Pastores aconselham 'orar por avivamento espiritual' diante de coronavírus na Itália: As mortes do covid-19aumentam para mais de 400 e a Itália se torna o segundo país mais afetado pelo vírus no mundo.. Guia.me. 2020. Disponível em: <https://guiame.com.br/amp/gospel/noticias/pastores-aconselham-orar-por-avivamento-espiritual-diante-de-coronavirus-na-italia.html>. Acesso em: 25 nov. 2022.

JAPIASSU, Hilton. Dicionário básico de filosofia. 3 ed. Zahar, v. 1, f. 133, 2001. 265 p.

O ANTAGONISTA.UOL. Bolsonaro e Mandetta: o medo e a inveja emburrecem. O antagonista . 2020. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/bolsonaro-e-mandetta-o-medo-e-a-inveja-emburrecem/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

RÁDIO GAÚCHA . O ex-quase presidente: como o PT preparava Dirceu para a sucessão de Lula. Gzh geral. 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/10/o-ex-quase-presidente-como-o-pt-preparava-dirceu-para-a-sucessao-de-lula-3913111.html>. Acesso em: 29 nov. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. PREFEITURA DE MACAPÁ DEMITIU ENFERMEIROS QUE SE RECUSARAM A DISTRIBUIR KIT COVID. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/10/07/prefeitura-demitiu-enfermeiros-kit-covid/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

THE INTERCEPT BRASIL. Vídeo inédito: o senador da CPI trabalhou com 'gabinete paralelo' de Carlos Wizard para popularizar cloroquina. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/10/07/cloroquina-video-senador-cpi-marcos-do-val-carlos-wizard/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. A banalidade do mal. Media lab. Disponível em: <https://www.medialab.ufg.br/n/111072-a-banalidade-do-mal>. Acesso em: 2 abr. 2022.

DIA 1.106 | ÀS CEGAS | 10/01/22. [Locução de]: Medo e Delírio em Brasília. [S.l.] Podcast.

GOVERNO FEDERAL. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

UOL. Ao contrário do que diz Bolsonaro, estudos mostram que lockdown salva vidas. Uol. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/10/03/bolsonaro-estudos-comprovam-eficiencia-lockdown.amp.htm>. Acesso em: 14 nov. 2022.

UOL. Hannah Arendt. Mundo educação . Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/amp/biografias/hannah-arendt.htm>. Acesso em: 24 nov. 2022.

UOL. Web se revolta com declaração de Durski, dono do Madero, e pede boicote. Uol . 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/web-se-revolta-com-declaracao-de-durski-dono-do-madero-e-pede-boicote.amp.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.

VIZEU, Rodrigo. Os presidentes: a história dos que mandaram e desmandaram no Brasil, de Deodoro a Bolsonaro. HARLEQUIN, v. 2, f. 212, 2019. 423 p.

W ADORNO, Theodor. Liderança democrática e manipulação de massas. 1951. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_-\\_Lideranca\\_democratica\\_e\\_manipulacao\\_de massas.htm?1349567546](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideranca_democratica_e_manipulacao_de massas.htm?1349567546). Acesso em: 2 abr. 2022.